

Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

Internationalization and identity roots of communication in Argentina

GABRIELA ROSA CICALESE^a

Universidad Nacional de San Martín. San Martín – Buenos Aires

RESUMO

Este artigo questiona se os processos de internacionalização institucionalizados pelos circuitos da indústria acadêmica resultaram em uma maior diversidade de origens de textos e referências significativas na formação de comunicadores na Argentina. Também são resgatados os traços de internacionalização que derivam dos percursos e vozes dos protagonistas dos cursos de Comunicação nas universidades públicas argentinas, quando a internacionalização ainda não estava institucionalizada entre as ofertas acadêmicas das universidades nem regulamentada pelas comissões de avaliação do Ministério da Educação e linhas de pesquisa dependentes do Estado Nacional.

Palavras-chave: Jornadas pessoais, currículos, marcas institucionais

^a Docente de pós-graduação em Mestrado em Educação, Linguagens e Meios e Mestrado em Educação da Universidade Nacional de San Martín (UNSAM) e Teorias da Comunicação Humana em Especialização em Gestão das Comunicações e Comunicação, Cultura e Sociedade em Mestrado em Comunicação da Universidade Nacional de Lomas de Zamora (UNLZ). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9838-595X>. E-mail: gabicalese@gmail.com

ABSTRACT

This article questions whether the internationalization processes institutionalized by the circuits of the academic industry resulted in a greater diversity of origins of significant texts and references in the training of communicators in Argentina. It also retrieves the traces of internationalization that derive from the trajectories and voices of the protagonists of the Communication careers in Argentine public universities, from the constitutive roots of the field, when internationalization was not yet institutionalized among the academic offer of the universities nor regulated by the evaluation commissions of the Ministry of Education and the lines of research dependent on the National State.

Keywords: Personal trajectories, curricula, institutional footprints





Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

A esfera dos assuntos humanos, a rigor, é formada pela teia de relações humanas que existe onde quer que os homens vivam juntos, a revelação do “quem” através da fala e o estabelecimento de um novo começo através da ação cai sempre dentro da trama já existente onde suas consequências imediatas podem ser sentidas.

–Hannah Arendt, *La Condición Humana*

HÁ MAIS DE UMA década percorremos com naturalidade os circuitos institucionalizados que permitem que estudantes, pesquisadores e docentes de graduação e pós-graduação transitem de e para universidades de outros pontos do planeta; incluímos em nossas ofertas acadêmicas a dupla titulação ou revalidações de títulos através de convênios; publicações digitais e multilíngues, assim como a circulação e a indexação com regras globalizadas. No entanto, como toda naturalização, a dimensão histórica dos processos se dilui e não paramos para refletir sobre os processos e condições que permitiram o surgimento, a criação e a sustentação desses circuitos.

Este artigo propõe analisar os processos de internacionalização do campo da comunicação na Argentina, numa instância pré-institucionalizada, através das trajetórias pessoais de referentes e professores dos cursos. Esta perspectiva de institucionalização da comunicação pressupõe (Cicalese, 2008) que as tensões políticas e teóricas envolvidas nos processos não são apenas um quadro contextual ou macrosocial com o qual a disciplina dialoga, mas são processos intrínsecos das próprias universidades, unidades acadêmicas e carreiras, nas quais as jornadas pessoais e os grupos internos imprimem dinâmicas que propõem e consolidam perfis de graduação e desenhos curriculares e também intervêm no tipo de internacionalização possível em determinado momento histórico.

Pensar nas universidades públicas da Argentina significa destacar alguns traços de localidade. Embora seja verdade que qualquer articulação internacional assume e integra as perspectivas locais de cada parte, existem características estruturais que ligam a política à configuração universitária argentina ao longo de sua história e que merecem ser consideradas como traços identitários. O mais significativo está ligado à Reforma Universitária de 1918 em Córdoba, decorrente de um movimento estudantil com três princípios básicos: participação do corpo discente no governo universitário, periodicidade de cátedras com concursos e autonomia universitária.

Depois, em 1949, o Decreto 29.337 suspendeu as mensalidades universitárias. A partir de então, a gratuidade do ensino se tornará uma bandeira de democratização e acessibilidade. A partir da Lei 20.654/1974, conhecida como Lei Taiana¹, está incluído o corpo docente não docente (corpo administrativo

¹ Sobrenome do então Ministro da Cultura e Educação, embora no Congresso a lei tenha o apoio de diferentes partidos políticos: a Frente Justicialista de Libertação (Peronismo) e a União Cívica Radical, em sua maioria, e outros partidos menores, como o Socialismo. O corpo docente de graduados não consta nesta lei. Professores e alunos têm mandato de dois anos e professores de quatro no co-governo. Lei revogada em 1980 pela ditadura militar.

das instituições) ao governo Universitário. Esta lei estabelecia também em seu art. 56 inc. g):

Dispor das normas regulamentares para a ligação da Universidade com as províncias, os municípios, a Confederação Geral do Trabalho, as forças organizadas de produção industrial e comercial e as organizações profissionais e científicas, para a consideração de assuntos específicos.

Ou seja, o movimento de vinculação e extensão é voltado mais para dentro do que para fora. O artigo 11 dessa lei explicitava:

É incompatível com o exercício da docência universitária ou funções acadêmicas que lhe sejam correlatas o desempenho de funções hierárquicas ou de assessoramento, remuneradas ou não, ao serviço de empresas multinacionais ou estrangeiras, bem como a filiação em organizações internacionais ou organizações cujos objetivos ou ações estão em conflito com os interesses da Nação.

Paralelamente a esta explicação jurídica da internacionalização como suspeita do imperialismo típica daquela fase política argentina, as Licenciaturas em Comunicação tiveram como marca fundadora o cunho latino-americano. Destacam-se o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (CIESPAL), a Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC), os movimentos do terceiro mundo, a teologia da libertação e sua marca na educação e comunicação através de Paulo Freire, os movimentos populares também inspirados em diferentes pontos da geografia latino-americana (as rádios mineiras na Bolívia ou a Rádio Sutatenza na Colômbia), entre outros. A transformação social tinha, necessariamente, um olhar regional e uma vocação internacional.

Em contrapartida, a Lei do Ensino Superior 24.521/1995, ainda em vigor, artigo 2º, *inc. e*), postula explicitamente entre os mecanismos de articulação a “efetiva integração internacional com outros sistemas educacionais, particularmente com os do Mercosul e da América Latina”.

Contudo, o modelo de construção curricular que os cursos de Comunicação tinham naquela época esteve relacionado com outro tipo de internacionalização: a globalização, a comunicação institucional, a gestão tecnológica como inserção nas telecomunicações, a incorporação do marketing e a linha instrumental de comunicação ao mercado.

Quando, uma década depois, na sequência de uma administração governamental revisionista na década de 1990, várias das suas leis foram modificadas,



a Lei 27.204/2015 substituiu alguns pontos muito menores da Lei do Ensino Superior. O artigo 2º (bis) afirma explicitamente:

As instituições de ensino superior estatais estão proibidas de assinar acordos ou convenções com outros Estados, instituições ou organizações públicas ou privadas nacionais e internacionais que envolvam a oferta de educação como um serviço lucrativo ou que incentivem formas de comercialização.

Ou seja, a gratuidade como bandeira é a que se torna garantia de uma visão não mercantilista. E representa a ponta do iceberg de uma série de questionamentos e demandas feitas da comunidade – especialmente dos estudantes – às instituições universitárias. No entanto, todas as outras ações regulatórias da Lei de 1995 permaneceram: a regulamentação da Comissão Nacional de Avaliação Universitária (CONEAU), a padronização das categorizações docentes, a obrigatoriedade da pesquisa intra-acadêmica em todas as disciplinas, a medição quantitativa da produção científica e o corte da autonomia universitária².

A lógica quantitativa e eficiente do mercado tem sido a base para medir a qualidade acadêmica, e o intercâmbio faz parte dessa disputa pelo prestígio global. Os padrões de medição seguiram o que foi denominado como *Estado avaliador, auditor ou gerente*. Em um artigo que faz um balanço a respeito do governo nas universidades após duas décadas da sanção da Lei de Educação Superior (Nosiglia, Mulle, & Fuksman, 2020), é apontado o

estabelecimento de um “novo contrato social”, baseado na substituição do débil controle administrativo do Estado pela avaliação (*accountability*), a mudança de critérios na alocação de recursos públicos com base em objetivos e metas acordados, e um compromisso por parte das universidades de diversificar suas fontes de financiamento.

Uma velha bandeira da Reforma de 1918 ligada à extensão agora é complementada ou substituída por outro tipo de olhar: a venda de serviços a empresas privadas. Mas a participação de estudantes e professores em projetos de extensão universitária na comunidade também tem sido integrada a mecanismos de troca e validação: horas de prática, formação de vida acadêmica, subsídios para extensionistas e voluntariado, validação por ações de transferência na categorização, etc. A internacionalização faz parte desse mecanismo da indústria acadêmica (Cicalese, 2008). Na tese de doutorado *Tensões políticas e teóricas da institucionalização da Comunicação na Argentina* (Cicalese, 2008), propus três grandes variáveis que construíram a indústria acadêmica: 1) maior regulação estatal em

² Desde a Lei do Ensino Superior 24.521/1995, os controles centralizados da Secretaria de Políticas Universitárias e da CONEAU regulamentam e categorizam os professores, avaliam pós-graduações, supervisionam programas e metodologias de ensino, etc. como havia feito o governo da Ditadura Militar. O Conselho Interuniversitário Nacional (CIN) e seu conselho de reitores é atualmente uma voz que tem posições atuais, a favor dos governos kirchneristas.

conteúdos e organização dos cursos; 2) matrículas massivas; e 3) procedimentos de gestão e condicionamento da alocação orçamentária a variáveis quantitativas de entrada, permanência e saída.

Nós trabalhamos o impacto da regulamentação, que é claro que faz parte de um contexto de internacionalização. Daniel del Valle e Daniela Perrota (2023) assinalam:

A consideração do ensino superior como um bem de mercado (serviço comercial) perturbou as bases e os significados das políticas universitárias em todo o mundo e moldou um paradigma competitivo ou fenício de internacionalização que se tornou hegemônico. (pp. 31-32)

É claro que, como toda corrente hegemônica, os autores reconhecem outras correntes de intercâmbio internacional que se baseiam em solidariedades, rupturas e disputas.

Em relação à massividade, o crescimento geométrico das matrículas de estudantes foi nos primeiros vinte anos da era democrática: de 1.666 alunos em sete cursos em 1983 para 42.283 em 61 cursos em 2003. Entre 2003 e 2010 foram criadas nove universidades nacionais, quatro na província de Buenos Aires. Sete dessas nove têm cursos de comunicação ou afins. Entre 2010 e 2015 foram criadas outras dez universidades nacionais, chegando a um total de 55. Embora apenas três delas tenham cursos de comunicação, existem outros cursos ligados à produção audiovisual, videogames e design. No entanto, em 2021, os estudantes de comunicação na Argentina, de acordo com a Subsecretaria de Políticas Universitárias, totalizavam 37.841 em universidades públicas e 4.695 em universidades de gestão privada. O total de 42.536 mostra um impasse nas matrículas³ nos últimos vinte anos, além da multiplicação da oferta.

Embora o tema da massividade não tenha tido peso específico no conteúdo, na didática e na gestão dos cursos nas últimas duas décadas, ele continua aparecendo em alguns processos e propostas de internacionalização. Programas para capacitar o número de alunos que são recebidos ou enviados para outras instituições tornam-se uma instância mensurável em termos de qualidade acadêmica e posicionamento da oferta. Mesmo de um lugar mais revisionista desses programas, a variável quantitativa continua aparecendo. Uma estudante de Málaga em intercâmbio pela Universidade Nacional de San Martín (UNSAM) comenta

tive que pagar a passagem e a estadia porque a Universidade só administrou a vaga. E são poucas as vagas que temos para nos inscrever. Também acho que com o custo das estadias internacionais a Universidade poderia chegar a muito mais estudantes de outras províncias poder pensar em um intercâmbio dentro do país.

³Nos últimos dois anos, ainda não há estatísticas gerais, mas observa-se uma diminuição da renda no período pós-pandemia.



Esta afirmação da aluna só pode ser entendida no contexto particular argentino e pela influência do conceito de gratuidade que mencionamos, estendido a passagens estudantis em diferentes cidades do país, bolsas de notas e refeitório para garantir o curso.

De acordo com a síntese de Estatísticas Universitárias 2020/2021 do Sistema Universitário Argentino⁴, há 73.766 estudantes estrangeiros(as) em universidades públicas e 18.395 em universidades privadas. Mas, proporcionalmente à população de cada tipo de universidade, o número é semelhante (de 4,4% e 4,2% da população total, respectivamente)⁵.

Segundo a origem, 95,61% desses estudantes vêm de outros países da América (em ordem proporcional nas universidades públicas, do Peru, Brasil, Paraguai, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Estados Unidos, Chile, enquanto nas universidades privadas o Brasil lidera e a Colômbia), 3,14% de países europeus e 1% da Ásia.

Quanto à terceira variável, entre os procedimentos e as instâncias burocratizadas de gestão, a internacionalização tem na atualidade um estatuto significativo. Assuntos Internacionais é uma das 12 comissões do CIN (<https://www.cin.edu.ar/>) entre as quais estão: Pós-Graduação, Credenciamento, Assuntos Econômicos, Planejamento, Extensão, Conectividade. Entre suas funções está “estabelecer relações de toda espécie e firmar acordos de cooperação com outras organizações públicas e privadas nacionais ou estrangeiras em geral”.

Das 17 organizações dependentes do CIN – entre as quais estão rádios, bibliotecas, esportes até instâncias de inclusão como gênero, deficiência – encontramos a rede de Cooperação Internacional das Universidades Nacionais. O ELSE, Consórcio Espanhol Segunda Língua ou Estrangeira, com anterior sede de gestão na Universidade Nacional do Litoral, também se articula com a Comissão de Assuntos Internacionais.

Segundo o dossiê do Programa de Internacionalização do Ensino Superior e Cooperação Internacional (PIESCI) da Secretaria de Políticas Universitárias (SPU) do Ministério da Educação, 95% das instituições de nível superior na Argentina contam com escritório de Relações Internacionais.

No caso dos cursos de comunicação na Argentina, toda essa padronização e promoção do intercâmbio internacional resulta em uma formação mais ampla, mais cosmopolita, mais permeável às diversidades culturais, com inclusão de competências e perspectivas de diferentes origens e perspectivas?

FOTOS DA GRADUAÇÃO

Alguns resultados de duas pesquisas são apresentados aqui. A primeira a 261 graduados entre 1972 e 2000 de 17 universidades, realizada em 2006/2007,

⁴Síntese 2020-2021 Sistema Universitário Argentino. cdr (argentina.gob.ar).

Simbolicamente, por outro lado, a opinião pública supõe uma quantidade de estudantes muito superior, especialmente latino-americanos e de países limítrofes, em cursos como medicina e ciências da saúde. Esse movimento migratório é atribuído à gratuidade.

⁵Na pós-graduação o número é diferente, mais de 10% para universidades privadas e pouco menos de 8% para universidades estatais. A proporção é maior aqui na Colômbia, no Equador e – na privadas – no Brasil.

no período da tese de doutorado (Cicalese, 2008). A segunda, realizada em 2023 a 87 graduados entre 2001 e 2021 por ocasião deste artigo, que inclui universidades que não existiam na primeira edição. Além da situação inacabada do campo nesta segunda etapa, alguns emergentes interessantes aparecem em dois itens de resposta espontânea e aberta.

Em primeiro lugar, quando questionados sobre autores e/ou textos que recordam ter conhecido através dos temas, em ambas as pesquisas aparece uma proporção maioritária de autores europeus, cerca de 42% das menções. Mas, enquanto na primeira a concentração é em autores e textos de origem francesa (40% do total europeu, em 4 ou 5 nomes, liderados por Foucault e Bourdieu) e alemã (Marx e a Escola de Frankfurt), na nova edição a concentração está na Espanha (com nomes como Manuel Castells, Jordi Xifra, José Luis Martínez Albertos).

A menção aos autores argentinos se reduz a menos do que entre a primeira e a segunda pesquisa: de 33% nos graduados antes de 2000 para 14,28% nos recém-formados⁶. Também diminuem as menções a autores latino-americanos, de 11,5% para menos de 8%.

Cresce, por outro lado, a proporção de teóricos americanos que sobe de 9,34% na primeira pesquisa para 16,88%.

Na segunda pesquisa, os autores italianos não são mais mencionados, apenas dois formalistas russos aparecem e surgem referências de outras latitudes: Yuval Noah Harari e Byung-Chul Han.

Em termos de internacionalização, podemos afirmar que as referências à própria formação se tornaram mais globais e menos locais.

O segundo item que abordaremos aqui é a solicitação de menção a três teóricos internacionais atuais da Comunicação⁷.

Segundo o número de menções, a lista é liderada por Jesús Martín-Barbero (12,29%) e Umberto Eco (9,22%). Em seguida, Armand Mattelart (7,86%) e Eliseo Verón (7,86%). Um terceiro grupo posiciona Néstor García Canclini (4,83%) e Noam Chomsky (3,14%).

Se discriminarmos as respostas por universidade, a Universidade de Buenos Aires (UBA) está orientada para a corrente francesa, enquanto na Universidade Nacional de Córdoba há menções a correntes alemãs e autores italianos (Gramsci, Eco). Tanto na Universidade Nacional de Lomas de Zamora (UNLZ) como na Universidade Nacional de La Plata (UNLP) aparece uma maior proporção de autores latino-americanos.

Na nova edição de 2023 da pesquisa, o maior número de citações volta a ser de Jesús Martín-Barbero, embora apenas com 7,23% neste caso. Manuel Castells e Rossana Reguillo aparecem com 6,50% cada⁸. Scolari, Capriotti, Van

⁶ Destaca-se a maior dispersão de nomes e textos que aparece nesta segunda edição da pesquisa. Além do percentual, os argentinos mencionados na primeira edição são apenas 8 (e apenas uma mulher, María Cristina Mata), enquanto nesta nova edição são 22 autores locais.

⁷ Esta resposta é, obviamente, influenciada pela própria experiência de trabalho, que poderia ter reforçado ou reformulado a visão em muitas leituras. É interessante nesse aspecto que aqueles que estão mais afastados da vida acadêmica na verdade se referem a nomes e textos de sua época de estudo, enquanto muitos dos que lecionam ou fazem pós-graduação citam trabalhos posteriores aos seus próprios estudos, mais vinculados – suspeitamos – às suas trajetórias acadêmicas subsequentes e às suas revisões.

⁸ Percebe-se que, para além das diferentes proporções e da maior dispersão de menções, a única mulher citada é Rossana Reguillo. Que esta tendência continue após 15 anos de relevante atividade do movimento feminista no país é duplamente alarmante.



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

Dijk, García Canclini e Omar Rincón com 4%. Os outros 181 nomes mencionados não atingem 2%.

Em relação à nossa interrogação a respeito de um olhar mais cosmopolita na formação de comunicação a partir das políticas de internacionalização, poderíamos afirmar que a circulação de textos e autores teve também potência e pregnância em períodos anteriores à globalização acadêmica institucionalizada. Abordaremos alguns mecanismos e experiências que consolidaram esses intercâmbios nos cursos de comunicação na Argentina, num momento em que a internacionalização – mas também outros procedimentos da indústria acadêmica e dos intercâmbios comercializados – ainda não contava com programas, nem gestores, nem escritórios, nem circuitos institucionalizados.

A PRÉ-HISTÓRIA DA INTERNACIONALIZAÇÃO: JORNADAS PESSOAIS E MATRIZES INSTITUCIONAIS DE APRENDIZAGEM

Em 2007, afirmou Aníbal Ford⁹ “*com 1.000.000 de estudantes de comunicação na América Latina, os cursos de comunicação deixaram de ser uma carreira e se tornaram um fenômeno social*”.

Questionamos qualitativamente este “fenômeno” em termos de cultura epistemológica. Por Wallerstein (2005):

As disciplinas também são uma cultura. Normalmente, os acadêmicos que dizem pertencer a um grupo disciplinar compartilham com os outros membros do grupo experiências e contatos: leram os mesmos textos “clássicos”; participam dos mesmos debates tradicionais, que muitas vezes são diferentes dos que as disciplinas limítrofes: têm o mesmo estilo e recebem recompensas por isso. E embora esta cultura possa ser modificada ao longo do tempo – e de fato acontece –, se for feito um recorte temporal para um determinado período, apreciam-se modos de apresentação que são valorizados pelos membros de uma disciplina e não pelos de outra. (pp. 141-142)

A Escola [de Ciência da Informação da UNC] tem uma grande heterogeneidade. Vindo de diferentes disciplinas, não é um problema teórico, mas um problema de hábitos e costumes. Vem de Faculdades diferentes, também tem mecanismos próprios de sobrevivência, de inserção na vida social e política. (Raúl Rodríguez, graduado em Filosofia e professor de Teoria da Ciência em Córdoba desde seu segundo plano de estudos)

⁹Entrevista realizada para a tese de doutorado *Tensões políticas e Teóricas na institucionalização dos cursos de comunicação na Argentina* (Cicalese, 2008). Todos os depoimentos referidos nesta seção correspondem às 67 entrevistas realizadas como trabalho de campo entre 2004 e 2007.

Como intervém/interviria a internacionalização nos diferentes processos de fundação e refundação dos cursos (processos de alterações nos planos de estudos, abertura de novos cursos, mudança de estatuto dentro da universidade, etc.)? Essa necessidade de internacionalização participou da agenda do debate, da construção de tradições nos cursos de comunicação?

Sociologia já tinha uma certa posição, com o Instituto Gino Germani nos anos sessenta. E a única coisa que era necessário fazer era atualizá-la, digamos. E o que também aconteceu é que a Sociologia foi a grande tendência durante os anos setenta. Isso também ajudou o curso a se estabilizar. E as pessoas que estavam no exílio também voltaram, o CONICET foi aberto¹⁰. A sociologia foi atualizada imediatamente. Por outro lado, com as Ciências da Comunicação não, porque não havia esse espaço... Não havia nada. Eram pessoas que vinham de outro lugar. O centro, o que era estritamente Teoria da Comunicação, para mim pareceu tudo muito frágil, não é? Muito em discussão, quer dizer. Com pouco consenso. (Franciso Delich, reitor da UBA durante a criação do curso de comunicação em 1984, em plena reabertura democrática)

Na realidade, esse “*não havia nada*” que se percebe da UBA tem uma visão externa, porque na Argentina já existiam cinco universidades públicas com cursos consolidados e outras organizações e instituições não universitárias de nível superior com tradição na formação profissional. Mas a jornada pessoal – e internacional – de quem organizou a equipe fundadora pesou mais.

Em comunicação eu não estava confortável. Eu tinha visto alguma comunicação na Escola Francesa, mas muito francesa... quer dizer, com o bom e o ruim que a formação francesa tem. E, pelo tipo de problemáticas, estava ainda muito mais perto do ensaio do que da construção de um espaço rigoroso, como o da Linguística, ou o de alguns semiólogos, era um espaço mais ambíguo. Estou falando de vinte e cinco anos atrás, sim? A Comunicação não tinha o grau de desenvolvimento nem especialidade que teria depois. (Franciso Delich, reitor da UBA durante a criação do curso de comunicação em 1984, em plena reabertura democrática)

Eliseu Verón formou-se com Lévi-Strauss e Roland Barthes. Juntamente com Héctor Schmucler foram portadores do olhar semiótico francês na Comunicação¹¹. É assim que Enrique Vázquez (professor dessa primeira equipe da UBA) relata sua chegada à fase de institucionalização da licenciatura:

¹⁰ Comissão Nacional de Investigação Científica e Técnica – órgão autônomo tutelado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Nos últimos anos, existem unidades do CONICET nas Universidades Nacionais. E o CONICET gerou o sistema Integral de Gestão e Avaliação (SIGEVA), com o qual transferiu seu modo padronizado de avaliação das disciplinas (Comunicação só apareceu como opção apenas em 2023) e os antecedentes acadêmicos de todos os docentes de todas as universidades argentinas.

¹¹ Apenas para fornecer um dado significativo que dá conta dessa relação, Schmucler traduziu e escreveu o prólogo do livro *Mitologias*, de Roland Barthes, publicado em 1980 em Buenos Aires.



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

Sou da primeira turma de Ciências da Informação de Córdoba. Não cheguei a apresentar minha tese e estudei Ciências Políticas na Inglaterra com a orientação de Francisco Delich. E quando Francisco foi nomeado Reitor Normalizador da Universidade de Buenos Aires, ele convocou um grupo de pessoas em 84...

A UBA foi, pelo menos até o início dos anos 2000, a mais “europeia” em sua abordagem da Comunicação na Argentina. Na verdade, a titulação do curso em Ciências da Comunicação e a autodesignação dos seus graduados como *comunicólogos* – em vez de *comunicadores sociais*, nome com uma tradição mais latino-americana – também reforça essa marca, ligada a uma matriz institucional analítica típica das Ciências Sociais (UBA), mas também a esta marca fundadora dos seus referentes organizadores do primeiro plano de estudos.

Mas é verdade também que os posicionamentos institucionais de um curso (denominação, inclusão dentro de uma unidade acadêmica específica, fronteiras de convivência com outros cursos, convênios com outras universidades) são apenas um marco dentro do qual os sujeitos se situam, dialogam entre seus papéis, seus compromissos e identificações ou resistências. Para além dos seus mecanismos de representação em Conselhos de Administração e Superiores e das tradicionais funções pré-determinadas (aluno regular, categoria docente e dedicação, antiguidade, estatuto), o próprio registro dos sujeitos dentro das instituições não é tão linear ou simples. Os graduados podem ser designados para uma cátedra; podem ter “*ido para a profissão*” e aspirar à participação política na faculdade; as pessoas podem ser professoras e graduadas, ou estudantes e não professoras, e identificar-se com um dos seus papéis. As bandeiras sindicais podem ser hasteadas atrás de bandeiras acadêmicas ou de posições políticas mais gerais ou atuais, ou vice-versa. A lista de combinações possíveis é multiplicada e bifurcada.

Ao relatar decisões, os sujeitos problematizam as ações potenciais, dialogam com o discurso generalizado, com o resultado das próprias ações, trazem à experiência a lucidez da distância histórica e as consequências posteriores dessas mesmas ações, só possível pelo processo reflexivo. Como sintetiza Paul Ricoeur (2006):

a virtude de designar o ‘quem’ da ação está sujeita no seu exercício às mesmas condições da própria ação cuja estruturação do enredo constitui a mimesis: não há história que não cruze histórias de vida, até o seu emaranhado, perfeitamente documentado no sujeito literatura. (p. 316)

Mais do que o que cada entrevistado repete do social, do resultado institucionalizado da tensão desdobrada, da prática padronizada ou pretendida

para o lugar que ocupa, é a sua singularidade que permite construir a história. E nesses relatos tentamos indagar algumas pré-histórias de internacionalização em comunicação. São processos em que intervieram oportunidades e jornadas pessoais, solidariedade, relações pessoais, amorosas, competitivas, favores concedidos e dívidas morais: políticas não oficializadas.

Focamos na narrativa dos sujeitos, como um modo de diferenciá-la de Bourdieu em sua concepção de agentes, estruturados por um *habitus*, determinante do campo. Centramo-nos na investigação da memória dos sujeitos e da sua própria inscrição situacional nas instituições de que fazem parte, em diálogo, tensão, atribuição ou incorporação crítica num curso de Comunicação. Como sintetizam Fitoussi e Ronsevallón (2003), “o que deve ser descrito não são mais identidades coletivas relativamente estáveis, mas também trajetórias individuais e suas variações no tempo” (p. 31).

Através de marcos que condensam indicações identitárias ou indícios discursivos para trabalhar em jornadas de vida (Cicalese, 2009) podemos homologar os trânsitos geográficos – exílio, regresso, acompanhamento a cursos em outras províncias do país, radicações em outras cidades, formação internacional, etc. – com os marcos de continuidades e mudança nos processos de institucionalização dos cursos. “Conhecemos a realidade apenas em relação ao homem, e como o homem é devir histórico, também o conhecimento e a realidade são um devir” (Gramsci, 1958, pp. 230-231).

Na mesma época de fundação do curso na UBA, os primeiros oitenta democráticos, outras e outros referentes “voltaram” para a Argentina e isso reconfigurou o olhar comunicacional. Em Córdoba “os professores que haviam sido demitidos pelo triplo A ou pela ditadura reingressaram . . . e isso nos permitiu retomar um projeto universitário que estava truncado”¹² – comenta um aluno da época.

Não era exclusivo de uma instituição. Os exilados também encontraram um lugar na Escola Superior de Jornalismo de La Plata.

Em 1986, Ana María Nethol, que estava no México, voltou do exílio e eu ingressei na sua matéria como assistente. Na época, era Teoria da Comunicação Social. Foi uma lufada de ar fresco, como costumam dizer, e a introdução de Pecheux, Jakobson, Benveniste, como ferramentas para pensar a comunicação, uma visão crítica do funcionalismo, da investigação em comunicação. Começar a ler Garcia Canclini, por exemplo. Essa matéria foi um espaço de formação acadêmica muito interessante. (Teresa Poccioni, em alusão à sua última etapa como estudante e sua entrada na docência)

Não é o único caso na UNLP. Jorge Bernetti, que mais tarde seria o diretor da Escola de Jornalismo entre 1989 e 1984 e atual professor emérito, relata:

¹² A Aliança Anticomunista Argentina, organização parapolicial que funcionou durante o governo democrático peronista entre 1973 e 1976. A menção Ditadura – simplesmente – refere-se à última delas, o autodenominado Processo de Reorganização Nacional, entre 1976 e 1983.



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

“Esta é uma universidade pública governada por uma direção progressista. De tal modo que alguém que vinha do exílio sul-americano era muito bem recebido. Principalmente pela questão da articulação e da prática profissional” em alusão à Universidade Ibero-americana do México, instituição da qual o entrevistado tinha sido um “orgulhoso graduado”.

Também em Córdoba, María Cristina Mata reingressou no curso após sua passagem por Lima e participou das primeiras discussões de revisão do Currículo de 1978 (debates que só veriam um ponto de consenso e novo desenho em 1993). É assim que ela relembra aquela etapa e sua decisão de se distanciar da Escola de Ciências da Informação (ECI) da UNC.

Devo dizer que o que senti foi uma falta de apropriação por parte da maioria dos professores, ou de um bom número de professores desta Escola, das produções teóricas que foram claramente expostas na América Latina. Qualquer pensamento que tivesse uma ligação muito forte com aquilo e que viesse iluminar a partir daí era visto como uma ameaça. Uma ameaça porque expunha as deficiências, trabalhavam com enormes atrasos bibliográficos. Havia muitos que sentiam isso. Bem, alguns optaram por participar pouco da discussão do plano. Eu saí... tinha um bom número de professores nessa escola que não estavam envolvidos naquela que era uma dinâmica de estudo, de debate, que acompanhava mais ou menos o que estava acontecendo na América Latina.

A falta de trabalho com a América Latina é percebida como “atraso” na construção disciplinar, mais do que como posicionamento. Esta ideia de atualização, em outros percursos mais afastados teoricamente da América Latina, circula por outros tópicos.

Daniel Cohen, formado no primeiro currículo e depois professor na ECI, narra uma experiência de atualização:

Em 1979 viajei para um curso na Universidade de Navarra. Era o 7º ano que a Universidade levava jornalistas (que tinham que ser graduados, eu havia me formado no ano anterior) das principais cidades da América Latina, de um programa patrocinado pela Alemanha. Da Argentina, havia muitos de Buenos Aires que depois foram (e alguns ainda são) diretores de importantes meios de comunicação, do jornal La Nación e de outros meios: Hadad, Pablo Sivén¹³ . . . Vinha um enviado da Universidade e investigava quem poderia ir... Fui indicado por um professor que já havia viajado para o curso em anos anteriores.

A entidade católica alemã Adveniat (“adveniat regnum tuum”, segunda linha do Pai Nosso em alemão, “venha a nós o vosso reino” em português) aloca

¹³ Daniel Hadad foi o fundador de meios de comunicação como C5N, Radio 10, Radio Mega e Radio Amadeus; e o mais recente e bem-sucedido, o jornal *Infobae*. Pablo Sivén, além de seu trabalho jornalístico, escreveu numerosos livros sobre a história da mídia na Argentina e alguns mais recentes como *Converso: história íntima da brutal transformação pessoal, profissional e política de Víctor Hugo Morales* (Editora Margem Esquerda).

fundos para a América Latina e o Caribe. Financiou vários projetos de apoio ao desenvolvimento¹⁴. Em Navarra, não conviviam com estudantes locais, mas sim entre latino-americanos. “*Havia basicamente estudantes da Colômbia e da Argentina. Em menor grau, Equador, México*” – continua Daniel Cohen no relato de sua experiência:

Vinha gente da BBC, professores de toda a Europa, tínhamos toda a última formação tecnológica da época. Deram-me a disciplina de rádio assim que voltei de Navarra¹⁵. Claro: eu voltei com aura de quem tem um mestrado. E não havia nenhum mestrado aqui na Argentina. Então eu assumi um assunto de novas tecnologias.

No Currículo ECI de 1993, esta disciplina sob sua responsabilidade seria a primeira disciplina da Universidade Argentina chamada Novas Tecnologias. “*Agora até matérias que não são de comunicação têm novas tecnologias. Além do mais, esse nome já é antigo. Porque as novas tecnologias foram nos anos setenta, oitenta*” – concluiu Daniel em 2004.

Já na década de 1990, ambas as linhas reaparecem em diferentes percursos e atores dos cursos. E novamente a linha de internacionalização marca fronteiras. O diagnóstico de María Cristina Mata em relação à escassa impressão latino-americana reaparece em outro momento do campo e em outras Universidades. Claudia Villamayor, ex-membro da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC)¹⁶, professora-pesquisadora em Quilmes e La Plata, relata assim sua entrada no ensino universitário:

Quando entrei em La Plata, a transferência para Faculdade acabava de acontecer¹⁷. E com isso iniciou um Projeto. E é nesse momento, quando chamam as pessoas de la Crujía, que havíamos viajado muito pela América Latina ensinando rádio e cursos de comunicação popular. Isso me causa um certo constrangimento e fiquei até com vergonha . . . porque o projeto era procurar professores que prestigiassem a Faculdade. Escuta, eu tinha 29 anos.

La Crujía, Centro de Comunicação Educacional da Congregação Hermanos de La Salle, congregação sediada na Espanha, que reconhece o seu momento de fundação em julho de 1980 com um primeiro curso de Pierre Babin, comunicador e pastor de jovens de origem francesa, que deu origem a cursos de verão subsequentes que reuniram numerosos comunicadores populares e comunicadores de base da América Latina no Instituto La Salle de San Martín (que em plena ditadura militar na Argentina constituiu em si um ato de resistência). Muitos projetos de La Crujía para a formação na América Latina também tinham sido

¹⁴Luis Ramiro Beltrán debate com este conceito e com este tipo de programas, posicionando e distinguindo o “apoio ao desenvolvimento”, que envolve a ajuda econômica do primeiro mundo à América Latina, em contraste com a comunicação alternativa para o desenvolvimento, que parte precisamente dos próprios países do terceiro mundo.

¹⁵Em outubro de 2022, o Programa completou o quinquagésimo aniversário e setenta ex-alunos latino-americanos reuniram-se em Navarra. Para mais informações, cf. PGLA: 50 anos do “Erasmus” latino-americano na Universidade de Navarra (ver<https://www.diariodenavarra.es/noticias/navarra/2022/10/15/pgla-50-anos-erasmus-latinoamericano-universidad-navarra-544767-300.html>).

¹⁶A professora participou e depois dirigiu o Programa de Fortalecimento Internacional para a América Latina e o Caribe.

¹⁷A histórica Escola de Jornalismo de La Plata, criada em 1930, mudou seu estatuto para Faculdade de Jornalismo e Comunicação Social (FPyCS) em outubro de 1994, tornando-se a primeira da área na Argentina. A segunda chegaria apenas em 2015, a Escola de Ciências da Informação (ECI) de Córdoba foi transformada na atual Faculdade de Ciências da Comunicação (FCC).



¹⁸Reabre o Mestrado PLANGESCO da Faculdade – Faculdade de Jornalismo e Comunicação Social – da UNLP.

financiados pela Adveniat. A Faculdade de Jornalismo e Comunicação Social (FPyCS) de La Plata realizou sua primeira pós-graduação em convênio com La Crujía: o Mestrado PLANGESCO (Planejamento e Gestão de Processos de Comunicação), dirigido por Washington Uranga, então também diretor de La Crujía. Se tratava também, como diz seu próprio site¹⁸, da “primeira a abordar a área do planejamento da comunicação na América Latina”.

No entanto, é mais a perspectiva do que a origem que a faz diagnosticar, uma década depois daquele verbete: “ainda vejo a formação e o conhecimento em comunicação nos nossos cursos como muito, demasiado europeus”.

Há aí uma variável que não está mais ligada à atualização/atraso teórico do campo, mas a uma marca ligada às abordagens: o campo latino-americano como territorial, paradigma de transformação social através de ações concretas, sistematização de experiências.

Do lado europeu, os estudos são – nessa época (referentes ao ano de 1970) – basicamente de ordem semiológica, mas de uma semiótica que pretendia criticar a sociedade. Ou seja, a semiótica como instrumento de revelação ideológica. Depois a semiótica tomou outros caminhos. Mas nesse momento o instrumento semiótico coincide com a vontade de denúncia, de crítica, de análise e de luta ideológica. Ou seja, pensava-se na luta semiótica e política. (Héctor Schmucler)

Uma década depois, na abertura democrática, aparece outro devir da Semiótica. Comenta Néstor Pan, ex-reitor de Lomas de Zamora e presidente da Coneau¹⁹ desde 2008, lembrando sua passagem como estudante de Jornalismo e Comunicação Social em Lomas de Zamora: “Verón analisa a nova forma de demanda que vem da França, especialmente, o trabalho da empresa Renault. Assim, as ferramentas semióticas são introduzidas nos mercados, como uma maneira de vender mais”.

Comenta, por outro lado, Laura Rinaldi, professora de Produção Televisiva e ex-conselheira consultiva da ECI:

Na minha época, a única forma de continuar a formar-se era a docência. Depois apareceu a linha de sociosemiótica, a pós-graduação mais próxima do nosso curso aqui em Córdoba. Uma linha de trabalho em torno de Marité Dalmasso, que estudou em Leuven, na Bélgica. Muitos foram formados lá. Nós, por outro lado, aqueles que atuamos na área audiovisual, nos referíamos mais à produção e ao pessoal da produção local. Tínhamos um grupo de estudos liderado por Liliana Malem, na época a única mulher diretora de câmera de um telejornal na Argentina. Eles se dedicavam a teorizar. Nós estávamos interessados em produzir.

¹⁹Atualmente é também Presidente do Sistema Ibero-Americano de Garantia da Qualidade da Educação Superior (SIACES). Outro vínculo entre esse grupo fundamental é a construção de circuitos internacionalizados de burocratização acadêmica.

Para além da opção entre fazer uma pós-graduação na própria universidade ou participar de um grupo de estudos não institucionalizado, seria possibilitada uma terceira opção que estaria ligada, justamente, à internacionalização.

A Universidade de La Laguna, em Tenerife, aproximou-se muito da América Latina por uma questão geográfica. Pense que as Ilhas Canárias estão mais próximas de nós do que a Espanha continental. E foi gerado em 1994, quando Silvia Barei era diretora (da ECI), um convênio – que não envolvia dinheiro – mas que permitia a você, se você fosse professor aqui, fazer o doutorado sem precisar ir morar lá – como Navarra nos propunha se quiséssemos continuar o doutorado com eles, teríamos que nos mudar por dois anos, eu não pude porque minha família estava em Córdoba – aqui eles ofereciam para você ir por dois meses, e depois você ficaria mais um mês... você começaria a fazer sua tese remotamente iria uma última vez defendê-la. (Daniel Cohen)²⁰

Mas esses retornos sempre deixam vestígios nos projetos. Assim como o Centro de Estudos Avançados (CEA) da Universidade Nacional de Córdoba²¹, em propostas de graduação mais recentes, como Estudos de Comunicação da UNSAM em 2017, também podemos reconhecer essa marca pessoal e esses vestígios de trânsitos internacionais. A diretora do curso, Ana María Vara, fez mestrado na Universidade de Nova York e doutorado na Universidade da Califórnia. Não é um caminho muito comum na formação, pelo menos na geração dela (ela se formou no início dos anos 1990). E, também ou conseqüentemente, não é habitual que no plano de carreira, dos três níveis de Teorias e Perspectivas da Comunicação, o primeiro se concentre na perspectiva mcluhaniana e no foco na tecnologia, pouco abordada nos outros cursos das universidades públicas.

A transferência de correntes de pensamento está sempre historicamente situada. Os processos políticos das Universidades, as marcas da época e a visão de comunicação que estes processos promovem e sustentam têm desafiado os cursos e aqueles que, em cada disciplina específica, devem organizar a entrega dos conteúdos. Carlos Mangone, professor de Teorias da Comunicação na Universidade de Buenos Aires, com certa distância geográfica e fundamentalmente teórica, define:

La Plata passou do jornalismo às mediações culturais. Barbero, Canclini, La Crujía, a ação social, o trabalho territorial e tudo isso. O cruzamento entre eles é Walsh . . . um Walsh descafeinado, mas Walsh²². Córdoba é uma escola de jornalismo. Há ali muito fogo cruzado, tendências políticas em tensão, mas ainda é uma escola de jornalismo.

²⁰Dez professores da Universidade de Córdoba foram a La Laguna por esse convênio. Entre eles, a ex-vice-reitora da primeira gestão da Faculdade de Ciências da Comunicação (FCC), Susana Morales e a atual Diretora do Doutorado em Comunicação da Faculdade, Paulina Emanuelli.

²¹Ali surgiram os cursos de pós-graduação em Sociosemiótica dirigidos por Marité Dalmasso, mencionados pela entrevistada, mas também foi o local de trabalho de Héctor Schmulder e Marita Mata e seus diferentes grupos de pesquisa.

²²Rodolfo Walsh foi um jornalista e romancista de obras como *Operação Massacre* (1957). Foi assassinado por uma força-tarefa da Escola de Mecânica da Marinha (ESMA) em 25 de março de 1977, quando enviava cópias da sua *Carta Aberta de um Escritor à Junta Militar, um ano depois do golpe* a vários jornalistas para que a publicassem fora do país. A lista histórica da Juventude Peronista, que dirige o Centro Estudantil FPYCS de La Plata desde a década de 1990, leva o nome de Rodolfo Walsh.



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

“La Plata nunca se beneficiou da UBA. La Plata se beneficiou do mundo... E Lomas, por outro lado, é (gesto de olhar para cima) uma visão suburbana, também em termos acadêmicos: uma subsidiária da UBA” – define Celia Pagán, radiojornalista e ex-professora em ambas as instituições.

Uma estudante do início da década de 1990 reforça esse sentimento ao falar de sua época como estudante:

Nós éramos como a televisão no interior, como repetidoras. É muito triste. Mas os professores da UBA chegavam assim, como um livro. Nem mesmo isso, como anotações. Eu me lembro que quando a gente começou a conhecer um pouco mais os autores diziam: “che, eles têm cara, sentam-se, tomam café” (risos). Ou seja, a sensação de que nós, os livros e as anotações estávamos muito longe deles. Não porque lêssemos pessoas de outras geografias, elas estavam logo ali, a poucos quilômetros de distância, na Capital Federal. (Marisa Pignolo, professora, fala sobre sua estadia na graduação)

Seria necessário esperar até 2010 para a primeira pós-graduação oficial de Lomas De Zamora em Comunicação. Houve um precedente em 2003, quando a Associação de Graduados em Ciências da Comunicação de Lomas de Zamora (AGRACICOM) trouxe para a Faculdade de Ciências Sociais um Seminário de Pós-Graduação sobre Introdução ao Pensamento Complexo de Edgar Morin, mas com a certificação do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo, que teve sede em Buenos Aires, na Universidade de Salvador. Estiveram presentes 22 graduados em publicidade, relações públicas, jornalismo e comunicação social. Silvia Rivas, tesoureira da primeira comissão da AGRACICOM e professora da UNLZ comenta:

Não era um tema demandado pela comunidade, Edgar Morin não era trabalhado na graduação na Faculdade. Mas nossa presidente tinha contato com o Instituto e por isso decidimos avançar. O que as pessoas queriam era ter acesso a uma pós-graduação aqui em Lomas. Era uma forma de consegui-lo. Propusemos que fosse economicamente acessível, com custos para cobrir os honorários dos professores.²³ A Faculdade nos cedeu as salas de aula, a certificação foi feita pela Universidade de Salvador, foi a oportunidade..

Por outro lado, uma universidade criada mais recentemente, a Universidade Nacional de Villa María (UNVM), criada em 1995, ofereceu uma primeira pós-graduação internacional ao se tornar sede do doutorado da Universidade de La Laguna (ULL). É assim que seu diretor, Daniel Cohen, comenta a gênese daquela única coorte em 2008:

²³O professor foi Raúl Motta, diretor do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo. E a primeira presidente da Agracicom, Gabriela Cicalese, foi a secretária acadêmica.

A professora Olga Alvarez de Armas propõe que eu crie o primeiro doutorado da ULL fora de Espanha. Ela me dizia: “É melhor que dois, três, quatro professores nossos daqui viajem, e vocês que já são doutores desta universidade completam o quadro e a gente monta lá, na Argentina”. Digo-lhe imediatamente que sim, começamos a preencher todos os formulários da ULL, da União Europeia e dos pedidos de apoio para financiar as viagens dos professores. Após dois anos de trâmites, o doutorado foi aprovado, diante de uma iminente mudança na regulamentação da União Europeia e por isso o Ministério da Educação da Espanha o aprovou com a condição do limite de quinze alunos e uma única coorte. Com a nova regulamentação, já não seria possível fazê-lo.

O “aqui” e o “lá” no referido comentário da professora promovendo o remanejamento no ditado é claramente uma decisão de custos e logística. Como comenta Mariana Corradini, uma das 15 alunas da época,

para fazer os exames aqui em Villa María tivemos que fazer a papelada na embaixada, porque tinha que ser feito em território espanhol. Na verdade, tivemos que retirar os títulos do Consulado da Espanha na cidade de Córdoba²⁴.

²⁴Villa María está localizada a 150 km ao sul da cidade de Córdoba, capital da província. O depoimento de Corradini e esta segunda parte do depoimento de Daniel Cohen, ao contrário das demais entrevistas, foram realizados em 2023.

O gerente local da proposta, Daniel Cohen, foi reitor da Universidade de La Rioja:

Eu pensei em fazê-lo em La Rioja, mas decidimos mudar a Universidade porque já tinha terminado o meu decanato e a ULL insistia em fazê-lo com uma universidade não muito grande e sem burocracia. Por acaso encontrei um grupo de amigos nas montanhas. Lá estava o reitor eleito, Martin Gill, que ainda não havia assumido, e me disse “Estou interessado”.

Se revisarmos, por outro lado, as linhas de pós-graduação que foram institucionalizadas depois na UNVM, as orientações são diferentes. “Os professores que viajavam da Universidade de La Laguna eram da Escola de Jornalismo de lá, acho que a diferença com os instalados na Universidade é que estes são mais latino-americanos e mais ligados ao território”. De fato, um dos Mestrados é voltado para Estudos Latino-Americanos. René Lourau (2001) afirma:

Resgatar a importância da história não significa dedicar-nos à investigação da gênese temporal das instituições (embora Durkheim tenha recomendado esta tarefa), mas sim analisar os acontecimentos históricos como produto da confluência – sempre



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

agonística e, por vezes, trágica – entre novas e velhas instituições, ou também entre vários sistemas institucionais. (p. 136)

²⁵Pode ser visto sobre isso *Tramas e tensões na configuração da formação de pós-graduação em Jornalismo e Comunicação na Argentina em 2018* (<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/88373>).

Claro que não se trata de historicizar a pós-graduação em Comunicação na Argentina²⁵, mas sim de tentar demonstrar como em tempos de circuitos menos consolidados, a circulação e jornadas de alguns atores desequilibraram a oferta acadêmica e criaram alguns vínculos e relações interinstitucionais menos previstos. Por fim, as identidades coletivas – voltamos a Ricoeur – são também deslocamentos da memória pessoal, das suas retenções e emoções das memórias, e, nesse sentido, a “confluência” não é apenas institucional e formal, mas há também ligações pessoais.

DO CIESPAL AO LATINDEX: UMA LINHA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL QUE SE INTERNACIONALIZA COM O HORIZONTE LATINO-AMERICANO

Michel Maffesoli (2009) afirma:

Leva tempo para que uma corrente de fundo seja assumida por quem tem a função de dizer o que verdadeiramente é uma sociedade. Daí a necessidade, de saber expressar essas coisas vividas, de olhar muito para trás para poder ver muito à frente. (p. 77)

A Escola [Ciência da Informação de Córdoba] nasceu em 1972. E esse nascimento ocorre com outros cursos que têm nomes diferentes, em outros lugares da América Latina também. É um momento em que uma série de coisas começam a se profissionalizar. E isso corresponde a um movimento intelectual internacional que responde aos pressupostos da sociedade moderna, de alto modernismo industrial, que está se globalizando, em certo sentido. Então está tentando uniformizar, procurar uma coerência informativa que sirva aos seus propósitos. (Aldo Guzmán, professor de Teoria da Comunicação na ECI desde a sua criação)

Com efeito, os desenhos curriculares extrauniversitários promovidos pelo CIESPAL têm a sua marca em Córdoba.

A CIESPAL trabalhava com gente de primeira linha, com gente de diferentes países que estavam vinculados aos meios de comunicação e que fazia trabalhos de investigação. Então eles nos davam disciplinas como Psicologia da Comunicação. Eles nos davam disciplinas de Economia, Economia Política. Vieram pessoas ligadas à FAO,

por exemplo. Um professor belga veio falar do rádio e do futuro da radiofonia, com todas as inovações técnicas que havia até aquele momento. Um francês veio dar as aulas de Sociologia; Gerhard Maletzke²⁶ ele veio a Córdoba para dar um curso de Psicologia da Comunicação, eu tive uma reunião muito agradável com Maletzke. Bem, nós fazíamos o curso, eles nos davam um diploma e quem queria fazer um trabalho final, fazia isso e mandava para o CIESPAL para ser arquivado em sua biblioteca. (Víctor Stasyszyn, jornalista do Círculo de la Prensa)

²⁶Nem a origem de Gerhard Maletzke (nascido na Polónia, mas com desenvolvimento profissional na Alemanha) nem as abordagens mais ligadas à psicologia do seu modelo de comunicação foram resgatadas por outros atores da instituição, nem na pesquisa de graduados.

Em 1964, o Círculo Sindical de Imprensa e Comunicação de Córdoba (CISPREN) participou ativamente do VII Congresso da Federação Interamericana de Organizações de Jornalistas Profissionais (FIOPP) na França, e a partir dessa intervenção Félix Amuchástegui de Córdoba foi nomeado vice-presidente de América Latina da Federação Internacional de Jornalistas (Bischoff, 1986, p. 55).

Nos anos 1970, a inclusão do CIESPAL tem uma relação tensa com outras apostas políticas visíveis nos conteúdos. Entre 1973 e 1976, os conteúdos do CIESPAL estiveram vinculados na UNC à Economia Política, Jornalismo de Opinião e Comparado, Técnica Jornalística e Documentação Informativa, Sociologia e Introdução aos Meios de Comunicação Social. Nos programas entre 1983 e 1987 havia textos da revista *Chasqui* (CIESPAL), ALER e menções a autores latino-americanos nas matérias Jornalismo I, Sociologia, Jornalismo III (Rádio), Relações Humanas e Públicas, e Comunicação Publicitária.

Já no plantão da UBA, em *Redação Jornalística* (1988) e *Teorias do Jornalismo* (1989), não há registros de textos do CIESPAL. Apenas na matéria *Rádio* (1989) aparece um texto de Mario Kaplún. No resto das matérias, em sua primeira edição, desde 1986, não aparecem autores latino-americanos na bibliografia. A matéria *Metodologia do Planejamento* (1990, Graziano) desenvolve na Unidade 1: *planejamento no campo econômico, a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Diferentes etapas. Visão crítica.*

Na Universidade de Lomas De Zamora, por sua vez, uma matéria de formação teórica como Comunicação I/Teorias da Comunicação, apresenta como Unidade 2 “o desafio das novas tecnologias: Novas Tecnologias e Terceiro Mundo. Apropriação e uso de novas tecnologias”. Entre a bibliografia está Washington Uranga: *comunicação popular – transcrição de palestra para a disciplina*, 1987. Também estão incluídos Reyes Matta, Zecchetto com sua *Comunicação e atitude Crítica* e Experiência em Comunicação Popular de *Chasqui* (revista do CIESPAL).

O Jornalismo Interpretativo como disciplina em Córdoba, herdado dos planos do CIESPAL, foi “transferido” para La Rioja e Chilecito, cursos ligados a Córdoba através de professores viajantes.



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

Uma revisão dos conteúdos que se ditavam nessa etapa remete à necessidade de uma produtividade acadêmica crítica presente ou por desenvolver na América Latina. Não se trata de pensar uma indústria editorial, mas de construir uma bibliografia ou de ler a bibliografia produzida em outros contextos pensando nas necessidades específicas da situação político-social e dos estudos de comunicação então emergentes.

Este não será o esquema de produção de conhecimento e de textos publicáveis em tempos de circuitos da indústria acadêmica que se consolidaria no novo século. Estes circuitos definem vias menos ecléticas e mais formais que encaminham as trocas. E em todos eles o valor de troca é a certificação: a validação em créditos estudantis, a pontuação para a carreira docente, a renovação de bolsas em projetos ou categorização em pesquisa. No caso da internacionalização, destacamos três circuitos:

- Eventos científicos da área (congressos, conferências, simpósios, reuniões);
- A literatura da área, incluindo artigos de revistas especializadas;
- Os professores convidados ou visitantes.

Em relação aos eventos, os projetos virtualizados multiplicados a partir do isolamento gerado pela pandemia da covid-19 potencializaram geometricamente as opções de participação internacional. Quanto aos professores convidados, a virtualização transitória em 2020 e 2021 reconfigurou posteriormente a oferta de formação à distância, gerou cursos interuniversitários e diminuiu o custo de contar com professores externos, que em vez de “visitantes” se tornaram “tecnoviviais”²⁷. Em relação à literatura da área, retornemos também à dimensão histórica.

Em 1976, a Argentina foi o oitavo país do mundo e o primeiro país de língua espanhola a aderir ao Sistema Internacional de Dados Padrão da UNESCO, produtor do Número de Série Padrão Internacional (ISSN), mas foi apenas em 1997 e após a fundação do Centro da Argentina para o Sistema Latindex (www.latindex.org), Sistema Regional de Informação Online para Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, que inicia um programa de revistas científicas no Centro Nacional Argentino de Informação Científica e Tecnológica (CAICYT) dependente do CONICET. (Flores, 2010, p. 30)

Em 2000 teve início o Núcleo Básico de Revistas Científicas Argentinas, acompanhado dos primeiros critérios de qualidade do Latindex. O Latindex começou na Universidade Nacional do México com a presença de universidades do Brasil, Venezuela e Cuba. Somente em 2011 foi criado o Portal de Portales, ao qual se juntariam Colômbia, Espanha e Chile. Atualmente, a Rede Latindex

²⁷Trabalhei a relação entre coexistência e tecnovívio na tarefa docente na apresentação no Segundo Congresso Internacional de Ciências Humanas (LICH-UNSAM) em 2022: *Entre a coexistência insubstituível e o inevitável tecnovívio Intepelações indisciplinadas de virtualização durante a pandemia à experiência docente de nível superior* (Para mais informações, cf.: <https://www.aacademica.org/2.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/152>).

– Sistema regional de informação online para revistas científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal – é composta por 23 países ibero-americanos e outros projetos com perspectiva ibero-americanista, como estudos estrangeiros de Busan na Coreia do Sul ou Redial²⁸, com sede na Alemanha. Mas estamos especialmente interessados em saber como a assinatura da rede leva a organizações semelhantes em nosso país. Em 2005,

o Latindex viabiliza 36 critérios de qualidade editorial para periódicos eletrônicos em caráter experimental, e o CONICET emite a Resolução 1640/05 no qual foram redefinidas as diretrizes para incorporação de publicações científicas ao Núcleo Básico. Desta forma, fica aberta a inclusão de revistas científicas tanto em formato impresso como eletrônico. (Flores, 2010, p. 31)

Como vemos, então, como aconteceu com os currículos da década de 1970, muitas regulamentações e estruturas da produção acadêmica em comunicação também seguiram uma inscrição direta nas linhas latino-americanas. No entanto, a fragmentação já não alcança nas revistas o peso específico de outras épocas. Muitos cursos possuem periódicos próprios e numerosos pesquisadores têm a obrigação de publicar, a indústria acadêmica valida árbitros e impõe tempos rígidos e exatos para produção (Cicalese, 2010a).

Os professores convidados ou visitantes constituem outra oportunidade de influências cruzadas. Em termos de textos, a matéria Teoria da Comunicação III em Córdoba é a única das matérias teóricas que menciona autores latino-americanos. Embora às vezes algum professor argentino (como Sergio Caletti) seja citado, mas através de publicações de FELAFACS ou México. Segundo Isabel Gatti, aluna dos primeiros anos da criação do curso UBA, também membro de La Crujía,

A referência sempre foi mais de fora, que Margarita Graziano tinha estado na Venezuela, por exemplo. Mas a experiência argentina em si não foi considerada. Entel e Caletti davam aulas em Entre Ríos. Então dizia-se: “estão no Paraná e estão aqui”. Mas essa experiência ou o que puderam trazer de lá não foi de todo recuperado.

Na primeira revista *Comunicación* (Breviário do Curso das Ciências da Comunicação – FCS – UBA), a presença de professores latino-americanos destaca-se como uma conquista da seção “Relações”: Beatriz Solís (México), em 1987, e Jesús Martín-Barbero (Colômbia), em 1990.

Podemos falar de influência institucional baseada em origens, presenças e jornadas particulares? Podemos falar de transferências de marcas baseadas

²⁸Redial & Ceisal – Portal americanista Europeu; Redial (Rede Europeia de Informação e Documentação sobre a América Latina); CIESAL (Conselho Europeu de Investigações Sociais da América Latina (<https://rediceisal.hypotheses.org/>)).



nas jornadas de quem “criou raízes” num novo ou outro curso? Somente resolvendo aquelas operações que aparecem nas narrativas dos sujeitos envolvidos em cada processo específico de institucionalização podemos nos aproximar de um esboço de resposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da ideia de que uma maior internacionalização institucionalizada, apoiada em programas e convênios, mesmo promovidos para serem fortalecidos, favorece a troca de perspectivas, textos, autores de diferentes origens, etc. mostramos que, através da perspectiva e do impacto dos graduados com respeito à sua própria formação, o fenômeno é o oposto. A multiplicação de menções a textos/autores que os mais recentes graduados apresentam está mais ligada à multiplicação de professores próximos a eles e de cada Universidade, encarregados de disciplinas que orientam teoricamente de e para suas próprias produções (em teses de pós-graduação, programas de pesquisa em que participam, linhas do CONICET, etc.), do que a uma maior diversidade na origem dos textos, dos autores, das perspectivas. Ou seja, percebemos mais fragmentação e um peso maior da matriz institucional de aprendizagem (Cicalese, 2008) do que de processos de internacionalização. Poderíamos pensar que a globalização é olhada, o mundo é tematizado, mas é visto através do pequeno prisma da hiperespecialidade (os cortes cada vez mais específicos nos tópicos de investigação) e da “hipoespacialidade” (os referentes imediatos).

Diante dos modelos de internacionalização para integração ou transformação, mostramos que essas eram tendências já existentes nos cursos de comunicação desde seus primórdios na Argentina e que o diálogo da internacionalização – ou a visão sobre com quem e como dialogar para se integrar – é uma tendência mais de tipo político-acadêmico e/ou de trânsitos pessoais de agentes com peso político específico nas decisões de carreira do que resultado de um processo burocratizado de internacionalização. No entanto, em ambos os circuitos, o que fica de fora do debate – da internacionalização, mas também do horizonte formativo que deve ser considerado – é uma raiz que os Estudos Latino-Americanos tiveram nos seus primórdios e está ligada à emergência das práticas próximas, imediatas, territoriais, sobre as quais os comunicadores intervêm durante a formação e profissionalmente. Também a jornada de estudantes e professores “fora do sistema” da indústria acadêmica. É comum ouvir “*perdi um ano porque viajei para trabalhar a...*” versus “*não posso participar de X atividade porque estou me candidatando a uma bolsa de estudos para viajar para . . .*”. Muitas dessas experiências e transições que

foram instituintes, significativas e fundadoras do campo da comunicação na Argentina nas décadas de 1970 e 1980, hoje permaneceriam invisíveis atrás dos circuitos da indústria acadêmica. Não serão novas competências profissionais, novas áreas de preocupação que impõem uma indústria cultural cada vez mais internacionalizada? Não há produção de conhecimento e reflexividade política em atores que não estão vinculados às regras padronizadas de produção? Essas vozes exigem necessariamente traduções de agentes da indústria acadêmica para serem desafiadas?

O circuito das publicações, especialmente on-line, é absolutamente regulado por condições de mercado. Valida-se a carreira de pesquisador em termos de quantidade de publicações, de citações, de downloads. Não é muito diferente da lógica de posicionamento dos sites no Google.

Tanto na tradição latino-americana com *O ofício de Cartógrafo*, de Jesús Martín-Barbero (2002), como o *Atlas*, de Michel Serres (1995), tomam a metáfora espacial dos territórios, mapas e trânsitos para pensar epistemologicamente os processos de comunicação e de significado. Se entendermos os processos institucionalizados de internacionalização como mapas dentro do campo, também é bom notar que as mudanças mais significativas nos territórios muitas vezes nem são percebidas pelos cartógrafos. E aqueles de nós que transitam pelas margens e por esses territórios subalternos estão condenados à periferia. Será que a comunicação conseguirá rever os seus marcos fundadores para construir um memorial²⁹ e não uma memória documentada? Podemos superar a lembrança e apresentar as conversas, não mais herméticas, mas entre e para os atores sociais que expressam suas promessas para o futuro através de ações? Podemos incluir guias de trânsito, mas também possibilitar outras pegadas e percursos, não só na internacionalização, mas nas formas de construir uma Comunicação que possibilite trânsitos diversos? ■

²⁹Memorial é uma categoria teológica que se refere à atualização dos acontecimentos evocados em um ritual, diferentemente da memória onde a memória ou coisa evocada é externa à pessoa ou pessoas que estão lembrando.

REFERENCIAS

- Bischoff, E. (1986). *Cincuenta años de vida gremial periodística en Córdoba*. Ediciones de la Municipalidad de Córdoba.
- Cicalese, G. (2008). *Tensiones políticas y teóricas en la institucionalización de las carreras de comunicación en Argentina* [Tesis doctoral inédita]. Universidad Nacional de la Plata.
- Cicalese, G. (2009). Hitos condensadores de identidad. Indicios discursivos para definir la identidad a partir de las entrevistas en profundidad y las historias de vida. *Hologramática*, 4(10), 57-74.



Internacionalização e raízes identitárias da comunicação na Argentina

- Cicalese, G. (2010a). Temporémica. Una propuesta semiótica para analizar el manejo de los tiempos como mecanismo de ejercer el poder en la interacción humana. *Hologramática*, 2(13), 73-108.
- Cicalese, G. (2010b). *Yo soy... ¿Nosotros somos? Comunicación e identidades*. Editorial San Pablo.
- Del Valle, D., & Perrota, D. (2023). *Internacionalización universitaria y movilización política*. Clacso, IEC, Conadu.
- Fitoussi, J. P., & Ronsevallón, P. (2003). *La nueva era de las desigualdades* (H. Pons, Trad.). Manantial.
- Flores, A. (2010). ¿Por qué y para qué se evalúan las revistas científicas? In R. Canella & H. Gegunde (Eds.), *Estrategias para la difusión y divulgación científica en la web 2.0*. Universidad Nacional de Lomas de Zamora.
- Gramsci, A. (1958). *El Materialismo Histórico y la Filosofía de Benedetto Croce*. Editorial Lautaro.
- Lourau, R. (2001). *El análisis institucional* (N. F. de Labruno, Trad.). Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1970)
- Maffesoli, M. (2009). *Iconologías. Nuestras idolatrías post-modernas* (J. Terré, Trad.). Península.
- Martín-Barbero, J. (2002). *Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Fondo de Cultura Económica.
- Nosiglia, M. C., Mülle, V., & Fuksman, B. (2020). La configuración del gobierno de las universidades nacionales argentinas a más de veinte años de sanción de la Ley de Educación Superior: un estudio comparado de los estatutos vigentes. *Revista Latinoamericana de Educación Comparada*, 11(17), 76-94.
- Ricoeur, P. (2006). *Caminos del reconocimiento. Tres Estudios* (A. Neira, Trad.). Fondo de Cultura Económica.
- Serres, M. (1995). *Atlas* (A. Martorell, Trad.). Cátedra.
- Wallerstein, I. (2005). *Las incertidumbres del saber* (J. Barba & S. Jawrbaum, Trads.). Gedisa.

Artigo recebido em 30 de outubro de 2023 e aprovado em 22 de novembro de 2023